

Sarney - discurso

Agora, um pacote para a área social

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O governo vai investir, depois do apoio conseguido com o pacote econômico, na área social, reforçando a sua opção pelos pobres prevista no plano de metas, com distribuição de alimentos e remédios para a população carente. A informação é de uma alta fonte do Palácio do Pla-

nalto, acrescentando que estudos a respeito já foram concluídos e restam apenas serem anunciados pelo presidente José Sarney.

Isso poderá ocorrer, segundo a fonte, durante o pronunciamento à Nação, provavelmente dia 12 próximo, quando será anunciado o primeiro índice negativo de

inflação da história da República, ou antes de embarcar para Portugal, em maio. Mas, da mesma forma que o Plano de Estabilização da Economia, a extensão da medida está sendo mantida em segredo absoluto, com duplo sentido: primeiro para que não seja explorada politicamente, e segundo para que mais uma

vez o governo se beneficie com a força do impacto.

Para esta fonte, com livre trânsito no gabinete presidencial, Sarney não está preocupado em lançar mão de programas sociais às vésperas de eleições, embora sabia que os dois grandes beneficiados serão os partidos que lhe dão sustentação política

— o PFL e o PMDB. “Estes estudos, na verdade, estão prontos desde o ano passado, mas foi dada prioridade à reforma econômica”, comentou a fonte.

O governo — acrescentou — vê os programas sociais como um complemento da reforma econômica, dando ao País condições de estabelecer

um crescimento ordenado. Para o informante, essa prerrogativa faz com que o presidente considere irrelevante a possibilidade de uso político das medidas, e citou como exemplo a distribuição de leite, onde apesar de denúncias indicando manipulação política, o produto efetivamente está chegando às populações carentes gratuitamente.

A advertência aos contestadores

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

“Os pessimistas e contestadores estão sendo identificados pela confiança do nosso povo e pelos resultados gerais da campanha contra a inflação” — advertiu ontem o presidente José Sarney em sua fala no programa “Ao Pé do Rádio”, transmitido às sextas-feiras em cadeia nacional de rádio. Sarney prometeu enfrentar o problema do desemprego “onde ocorrem casos” e enfatizou que “o governo está atento e tudo será feito para evitar injustiças” nas áreas da indústria e do comércio, cujos incentivos trazidos pelo pacote, segundo o presidente, são bem maiores que as perdas ocasionadas pelo fim da especulação financeira.

A íntegra da fala do presidente Sarney é a seguinte:

“Brasileiras e brasileiros. Bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney. Quero começar a nossa conversa ao ‘Pé do Rádio’ de hoje, lembrando a viagem que fiz ontem a Belo Horizonte e o incentivo que recebi do povo de Minas Gerais.

Estou muito grato a Minas Gerais pelo carinho com que me recebeu.

Os mineiros, como todos nós sabemos, são muito zelosos nas suas manifestações de simpatia política. Mas quando eles se decidem, são alavancas poderosíssimas. Os mineiros fizeram isso nas conspirações pela independência e chegam até nossos dias, assim como nos anos 40 na derubada da ditadura do Estado Novo e a menos de dois anos na luta pela implantação desta ‘Nova República’.

Ontem, entre as muitas faixas que se abriram em Belo Horizonte à minha passagem, uma delas era imperativa e firme. Dizia assim: ‘Nada de parar ou recuar. Para a frente. É isso aí’. É uma expressão dos nossos

filhos numa simplificação sábia que a um só tempo indica consciência da realidade e uma irrecusável disposição idealista. Nada de parar ou recuar, ir em frente, porque temos certeza que vai dar certo.

Ultrapassando o primeiro mês da nossa campanha contra a inflação, estamos vendo que o fim da correção

tentes e confiantes no progresso do País estão buscando maneiras de produzir mais e a preços mais baixos.

Finalmente, os empresários estão conscientes de que acabou o recurso fácil de gerar lucros financeiros e transferir os aumentos sempre para o consumidor.

Os incentivos para a indústria e

será feito para evitar injustiças. É preciso porém que todos saibam de uma coisa: a batalha contra a inflação é uma guerra bem organizada. Não fomos ao ataque sem prever essas dificuldades e sem nos preparar para enfrentá-las.

O governo previu; previu a sabotagem, previu os acidentes prováveis, previu o ódio e a incompreensão, previu pessimismo e previu despeito. Previu até a politicagem e aqueles que desejam a política de terra arrasada, a mais arrasada de todas as políticas. E cuidou de proteger o povo contra todos esses males.

Para este ano, está previsto o crescimento da economia, no mínimo de 5%, com uma oferta de emprego da ordem de um milhão. Lembrem-se de que no ano passado e economia cresceu 8,3%, gerando um milhão e 500 mil novos empregos.

Por isso, como nos incentivava o anônimo cartaz de Belo Horizonte ontem: nada de parar ou recuar; para a frente. O congelamento está dando certo, o cruzado está firme e forte, a indústria está produzindo, o comércio está vendendo, a construção civil está trabalhando, os pessimistas e contestadores estão sendo identificados pela confiança do nosso povo e pelos resultados gerais da campanha contra a inflação.

O fantasma do desemprego não vai assustar o trabalhador brasileiro. Onde ocorrem casos o governo vai tentar resolvê-los e enfrentá-los. As reformas econômicas que o País está realizando destinam-se a promover a prosperidade e a felicidade dos brasileiros. O objetivo é criar uma sociedade justa, sem os desníveis atuais. O povo está conosco; isto é uma grande confiança e é a nossa grande força.

Por isso, o Brasil vai dar certo. Bom-dia e até a nossa próxima sexta-feira.

Obrigado.”



Promessa do presidente: “Nada de parar ou de recuar”

monetária, a criação do cruzado e o congelamento de preços não foram medidas isoladas e inconseqüentes. Estão gerando efeitos quase todos positivos. O custo de vida está caindo e muitos produtos estão sendo vendidos abaixo dos preços tabelados.

Os industriais realmente compe-

o comércio trazidos pela nova ordem econômica são bem maiores do que as perdas que o fim da especulação possam ter causado. É verdade que estamos enfrentando problemas em alguns setores que haviam crescido demais, justamente por causa da especulação.

Mas o governo está atento e tudo

Sarney diz que País estava ‘ingovernável’

REALI JUNIOR
Nosso correspondente

PARIS — “O Brasil tornara-se um país ingovernável”. Essa declaração foi feita pelo presidente José Sarney para justificar, em entrevista exclusiva ao jornal *Le Monde*, a adoção do recente pacote econômico contra a inflação. Sarney disse que as medidas foram decididas porque “a economia não podia mais ser controlada”.

O chefe de Estado lembra que desde que assumiu a presidência já estava convencido que a indexação da economia havia atingido um nível insuportável que precisava ser abandonado. Mas, o presidente da República confessa que nesse momento não havia condições políticas para adotar tal decisão.

Nessa entrevista, segundo o articulista, o presidente Sarney mostrou-se discreto e prudente ao abordar questões de política externa, mas mostrou-se muito mais prolixo e à vontade ao tratar de problemas sociais. Transformando a área social na primeira prioridade do País, o presidente Sarney estaria tentando fazer com que seu passado, próximo ao regime dos militares, possa ser esquecido o mais rapidamente possível.

Nessa entrevista, Sarney promete manter o bloqueio de preços no País, pelo menos até que possa “quebrar a mentalidade inflacionária dos brasileiros”. O chefe de Estado lembrou que toda uma geração está acostumada com a correção monetária, mas que é preciso acostumar-la, agora, com a estabilidade de preços.

José Sarney lamenta que essa política não tenha sido possível através de um verdadeiro pacto social ao invés das medidas de tratamento de choque que foi levado a adotar. Esse pacto, tentado ainda antes da posse pelo próprio Tancredo Neves, acabou revelando-se impossível não só pela ausência de desejo político dos eventuais parceiros, mas também

“pela falta de maturidade política dos líderes” políticos e sociais brasileiros.

Sarney conta como o seu governo concebeu o “Plano Tropical”, citando o envio de um economista a Israel para estudar as medidas adotadas pelo governo de coalização nacional e à Argentina, tendo esperado que o Plano Austral decantasse. De qualquer forma, José Sarney reafirma ao *Le Monde* que continua não admitindo submeter o País às fórmulas do Fundo Monetário Internacional.

O jornalista constatou a relutância de José Sarney para responder uma pergunta sobre o que pensa da política dos EUA em relação à Nicarágua. Ele prefere silenciar sobre esse assunto, fazendo o mesmo quando lhe indagam sobre as atividades do governo sandinista e dos “contra”. Insiste em reafirmar a preferência de seu governo por “soluções negociadas”. Ele reconhece que o Brasil jamais teve uma grande presença diplomática nessa região.

O mesmo silêncio foi constatado quando indagado sobre o estabelecimento de relações diplomáticas com Cuba, uma medida anunciada pela Nova República, mas até agora ainda não concretizada. Sarney indica que as relações deverão ser restabelecidas, mas não fala expressamente quando: “A norma de um grande país como o Brasil é manter relações diplomáticas com todos os países”. O articulista encerra o artigo dizendo que não se deve pensar que o presidente não conhece profundamente os grandes problemas internacionais. Lembra que esse homem, sobre o qual dizemos que uma das suas principais características era a indecisão, tímido diante das reformas que o País reclamava, mostrou em apenas um ano grande sensibilidade política e grande apetite de decidir. A inflação a nível zero deu a ele uma popularidade que nenhum presidente brasileiro já teve desde Juscelino Kubitschek.